

INFÂNCIA E VIOLÊNCIA NO TEXTO TEATRAL *ABANDONADOS*, DE HELITON SANTANA

Francisca Luana Rolim Abrantes¹

RESUMO: Este artigo busca analisar as configurações da infância e da violência no texto teatral *Abandonados*, de Heliton Santana a partir de uma leitura crítico-interpretativista. Esse autor foi um ativista negro santa-ritense, que teve sua trajetória marcada por um profundo comprometimento com a luta pela igualdade e justiça social. A presente peça teatral foi inspirada na Campanha da Fraternidade de 1987 – *Quem acolhe o menor, a mim acolhe*, cujo tema buscava refletir sobre a situação das crianças pobres e abandonadas no Brasil. Embora essa obra ainda não tenha sido publicada nos meios digitais, encontra-se no Memorial Heliton Santana (MHS), localizado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba- IFPB, Campus Santa Rita. Os questionamentos que motivaram o nosso estudo foram: a) De que forma é retrada a infância no texto em estudo? b) Que conflitos são vivenciados pelos sujeitos fictícios? c) Como os personagens lidam com as opressões sofridas em seus cotidianos? Para embasar a nossa pesquisa, utilizamos os seguintes teóricos: Kehl (2010), Pellegrine (2004), Schollammer (2013), entre outros. Como resultado, nota-se que o texto dramático desse autor aborda a violação de direitos humanos vivida por crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Enfim, esse trabalho visa contribuir não só com os Estudos Literários, mas também ajuda a dar visibilidade à obra de Heliton Santana.

Palavras-chave: Infância, Violência, Texto teatral, *Abandonados*, Heliton Santana.

¹ Doutora em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande- UFCG; Professora Substituta do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba- IFPB/ Campus Santa Rita; E-mail: luanarolimabrantess@gmail.com.



Introdução

Conforme Tania Pellegrini (2004), a violência atravessa a história e a cultura brasileira, modelando as estruturas sociais e deixando marcas profundas nas manifestações artísticas e simbólicas do país. Para essa estudiosa, as pessoas, cujas experiências de vida são marcadas pelas desigualdades sociais, acabam sendo alvo de uma sociedade que deveria garantir condições de acesso à cidadania, à educação, entre tantos outros bens necessários a uma vida digna, mas que, no dia a dia, são ainda mais marginalizadas.

Em consonância com essa estudiosa, Rita Kehl (2010) afirma que a naturalização da violência em nossa sociedade resulta não apenas do esquecimento das práticas autoritárias e da violência de Estado durante a ditadura militar, mas também da banalização do horror no cotidiano brasileiro. Esse apagamento histórico das violações de direitos humanos consolidou um sistema de impunidades que, de forma persistente, continua a atravessar e marcar a vida social do país.

Diante desse cenário de continuidade da violência e de silenciamento histórico, torna-se ainda mais relevante o estudo de obras literárias que abordem essa temática sob diferentes perspectivas, pois elas convidam o leitor não apenas a refletir sobre os sofrimentos do homem “[...] em meio a um mundo de dor e de exclusão, carregado de incertezas e de aflições da sociedade, em um total desregramento que se relaciona à ideia de caos social” (Calegari; Casarin, 2023, p. 209), mas também leva o leitor a engajar-se na construção de uma sociedade mais humana, democrática e igualitária.

Como bem salienta Schollhammer (2013), a literatura e as artes têm um papel fundamental ao representar a violência, não para explicá-la de forma lógica, mas para tocar e revelar aquilo que a razão e os discursos oficiais não conseguem captar. Elas nos permitem sentir, compreender de outro modo e refletir sobre o que a brutalidade causa em nós e na sociedade. Conforme esse crítico literário:

Narrar a violência ou expressá-la em palavras e imagens são maneiras de lidar com ela, de criar formas de proteção ou de digestão de suas consequências, dialogando com ela mesmo sem a pretensão de explicá-la ou de esgotar sua compreensão. Há algo na violência que não se deixa articular explicitamente, um cerne que escapa e que nos discursos oficiais da justiça, da criminologia, da sociologia, da psiquiatria e do jornalismo nunca é vislumbrado. Na literatura e nas artes o alvo principal é esse elemento enigmático e fugidio. (Schollhammer, 2013, p. 7-8).



Ao dialogar com Schollhammer, nota-se que a literatura desempenha um papel ético e fundamental no combate à violência, não porque a elimine concretamente, mas porque cria espaços de reflexão, empatia e consciência crítica. Ao transformar a violência em palavra, o texto literário possibilita que o leitor se aproxime de experiências-limite sem repeti-las, tornando visível aquilo que os discursos oficiais (jurídicos, científicos ou jornalísticos) tendem a silenciar ou simplificar.

Além disso, a literatura rompe o silêncio, denuncia as estruturas que produzem a violência e dá voz às vítimas e aos marginalizados que muitas vezes são apagados pela história, pois, ao lidar com o indizível e o traumático, ela promove um tipo de reelaboração simbólica do trauma, permitindo à sociedade reconhecer suas próprias feridas. Assim, mais do que retratar a barbaridade, a obra literária atua como um instrumento de resistência e transformação, contribuindo para a construção de sujeitos mais humanos, críticos e solidários. Nesse sentido, tendo em vista a força expressiva do texto literário como espaço de denúncia e reflexão, o presente artigo busca analisar as configurações da infância e da violência no texto teatral *Abandonados*, de Heliton Santana² a partir de uma leitura crítico-interpretativista.

Nascido em 4 de agosto de 1950, no bairro do Cercado (posteriormente denominado Liberdade), na cidade de Santa Rita, Heliton iniciou, ainda na infância, sua trajetória no teatro, participando de autos de Natal organizados por vizinhos. Essas primeiras experiências, realizadas em um ambiente doméstico, foram fundamentais para introduzi-lo gradualmente no universo teatral.

Esse escritor e ator santa-ritense pautou a sua trajetória em uma vivência essencialmente coletiva, marcada pela abertura ao diálogo e pela constante disponibilidade para o outro. Além disso, dedicou-se à criação de associações, à promoção de movimentos e ao estabelecimento de

² Embora essa obra ainda não tenha sido publicada, os textos desse autor encontra-se no Memorial Heliton Santana (MHS), localizado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba- IFPB/ Campus Santa Rita. O acervo encontra-se sistematizado em 14 dossiês temáticos, contendo 1.514 itens catalogados, assim distribuídos: 205 objetos tridimensionais, 381 documentos textuais, 178 registros sonoros e 750 imagens fotográficas. O conjunto é composto por documentos e objetos que registram a atuação militante de Heliton Santana em diferentes frentes de engajamento social, cultural e religioso. Destacam-se sua participação no Movimento do Teatro Popular no Nordeste (MTP), entre as décadas de 1970 e 2000, e no movimento dos Agentes Pastorais Negros da Paraíba (APNs-PB), de 1980 a 2000. Integram ainda o acervo materiais referentes a sua colaboração com associações e pastorais promovidas pela Arquidiocese da Paraíba, especialmente durante os períodos de liderança de Dom José Maria Pires (1965–1995) e Dom Marcelo Pinto Carvalheira (1995–2004), no âmbito das ações do Centro de Documentação Popular da Arquidiocese da Paraíba (CEDOP). Além desses registros, o acervo reúne documentos e objetos pessoais desse autor/ator, que contribuem para a compreensão de sua trajetória e do contexto histórico e cultural em que esteve inserido.



parcerias, sempre orientado por um princípio fundamental: o compromisso com a realidade concreta e com o bem-estar do próximo. A sua produção teatral permaneceu alinhada com os pressupostos da Teologia da Libertação, configurando-se como uma expressão artística voltada para o despertar da consciência crítica dos espectadores face às problemáticas sociais e para o estímulo à participação ativa na construção de soluções transformadoras.

A exemplo disso, podemos citar a peça teatral *Abandonados*, que foi inspirada na Campanha da Fraternidade de 1987 – *Quem acolhe o menor, a mim acolhe*, cuja tema buscava refletir sobre a situação das crianças pobres e abandonadas no Brasil. Também, é importante ressaltar que as obras desse autor ainda não têm tamanha visibilidade, o que nos mostra a relevância de explorar os seus textos, a fim de dar visibilidade a um escritor regional que, através de sua literatura, pode pensar sobre a representação brutal da violência, escancarando, dessa maneira, as desigualdades sociais que estão diluídas em nosso cotidiano.

No tocante aos questionamentos que impulsionaram a realização deste estudo, evidenciam-se as seguintes: a) De que forma a infância é retratada no texto em análise? b) Quais conflitos são vivenciados pelas personagens ficcionais? c) Como esses sujeitos lidam com as opressões presentes em seu cotidiano? Para fundamentar teoricamente a pesquisa, recorreremos aos estudos de Pellegrine (2004), Kehl (2010), Schollhammer (2013), entre outros autores que contribuíram para a compreensão das temáticas abordadas.

A Representação da Infância e da Violência na Obra *Abandonados*, de Heliton Santana

“Quero a utopia, quero tudo e mais
Quero a felicidade dos olhos de um pai
Quero a alegria muita gente feliz
Quero que a justiça reine em meu país
Quero a liberdade, quero o vinho e o pão”
[...]

(Milton Nascimento; Fernando Brant, 1981).

O texto teatral *Abandonados*, de Heliton Santana, escrito em abril de 1987, configura a história de pessoas que são vítimas não só de um Brasil marcado pela pobreza, violência, falta de proteção integral à criança e ao adolescente, mas também da negação de direitos humanos básicos, a saber: o acesso à educação, à alimentação, ao lazer, à moradia, entre outros.

A peça articula-se em torno de duas famílias que funcionam como metáforas de diferentes dimensões da luta social. A primeira, constituída por Severina e Tonho, evidencia a



luta camponesa, cuja batalha se dá tanto pela subsistência diária quanto pela permanência na terra, compreendida não apenas como recurso produtivo, mas também como espaço de identidade, memória e dignidade; A segunda, formada por Servi e Ton, representa aqueles sujeitos que, no cotidiano urbano, enfrentam as contradições estruturais do capitalismo, sendo submetidos à exploração econômica e às múltiplas formas de violência simbólica e material que, como diria Pierre Bourdieu (2003), reproduzem e legitimam as hierarquias sociais. Além desses personagens, o elenco também é constituído por quatro crianças que vivem em situação de vulnerabilidade social, são elas: Negrita, Vela, Bola Sete e Vina.

Embora a peça teatral aborde questões relacionadas à reforma agrária, à desvalorização dos trabalhos de doméstico e de pedreiro, nota-se que a temática “Infância e Violência” ganha bastante destaque nesse texto. Isto porque o autor, de forma bastante realista e emocionante, mostra o retrato de crianças que vivem à margem de uma sociedade desigual, desumana, violenta e bastante preconceituosa. Em um dos atos da peça teatral, observa-se o diálogo entre Bola Sete e Vina sobre a realidade dura da fome, a exclusão de crianças pobres em espaços sociais e o ciclo de pobreza sem saída, como podemos observar no fragmento a seguir:

Bola Sete: (Coloca um dos panos que está estendido, transformando-o em capa e corre em direção a escada e sobe) Super-homem! Super-homem!

Vina: Bola Sete, eu estou com tanta fome. Ainda não comi hoje, a não ser aquele pouquinho que a gente achou no lixo. Me expulsaram daquela lanchonete aonde a gente vai lá todo dia apanhar o resto de comida que fica nas mesas.

Bola Sete: E eu. Quando eu ia pegar a comida do lixo daquela outra lanchonete, um cachorro virou o balde e lambeu a comida toda. (Pausa) Eu também estou com uma fome, Vina. Parece que tem um trator na minha barriga (Faz o som).

Vina: Quando a gente trabalhava, ganhava pouco e, por isso, passava necessidade. Trabalhando ou não a gente passa fome.

Bola Sete: Se a gente pede, ninguém dá. Chama é a gente de preguiçoso, de vagabundo. (Fitando a plateia) Vagabundo é a tua mãe! (Santana, 1987, p.12).

O diálogo entre Bola Sete e Vina mostra um ciclo de pobreza sem saída: mesmo quando trabalhavam, passavam fome; sem trabalho, a fome continua. Essa repetição denuncia não só a precariedade estrutural do trabalho, mas também a desigualdade social, vivida por aqueles(as) que, diariamente, precisam criar meios para resistir às opressões lhes impostas.

Privados de trabalho e, conseqüentemente, de condições para adquirir alimentos, Bola Sete e Vina veem-se reduzidos a estratégias de sobrevivência precárias, como recolher restos



descartados em lanchonetes ou recorrer à mendicância. No entanto, ao buscarem ajuda, são imediatamente estigmatizados por um discurso social que os rotula como preguiçosos ou vagabundos.

A resposta de Bola Sete “Vagabundo é a tua mãe!” emerge, assim, como um contra-ataque simbólico, que rompe a passividade diante da violência verbal e expõe a crueldade dos preconceitos internalizados pela sociedade. Mais do que um simples insulto, a fala assume uma função de choque e de denúncia, desestabilizando a plateia e devolvendo-lhe a responsabilidade ética pelo olhar discriminatório que marginaliza os sujeitos em situação de pobreza.

Como forma de resistência à violência simbólica, Bola Sete recorre à brincadeira de ser “Super-homem”, recurso lúdico que evidencia a tensão entre a imaginação infantil e a dura realidade das crianças em situação de rua, privadas de educação formal, cidadania plena e condições mínimas de dignidade.

A capa improvisada, nesse sentido, transcende o simples gesto lúdico e converte-se em símbolo de uma esperança na medida em que manifesta a capacidade de criar alternativas subjetivas diante da miséria lhe imposta. Ao mesmo tempo, a fala do personagem escancara o mecanismo perverso de marginalização social que não apenas abandona os sujeitos em vulnerabilidade, mas os culpabiliza por sua condição, legitimando e reproduzindo as estruturas de exclusão.

O texto de Heliton Santana denuncia não só a exploração do trabalho infantil, mas também a vulnerabilidade de crianças que vivem na rua, como podemos observar em um ato que Negrita declara à Vela não só o oportunismo da patroa, mas também a tentativa de abuso sexual a qual sofre no espaço doméstico onde exerce suas atividades:

Negrita: A minha família veio de uma cidade pequena. De..., de... (Diz o nome de uma cidade) Meu pai era agricultor, depois passou a ser trabalhador da cana. O que ele ganhava não dava pra nada. A patroa era uma desgraça. Como eu era muito pequena, ela não me pagava não. Enganava-me com roupas usadas da filha dela. (Olha ao redor) E o filho mais velho dela que uma vez me pegou à força e ia me... (Pigarreia) (Santana, 1987, p.12).

Como podemos notar no trecho acima, ao invés de Negrita receber o dinheiro pelo serviço prestado, é enganada pela patroa, que acaba dando roupas usadas da filha como forma de pagamento pela mão de obra infantil. Essa conduta mesquinha, oportunista e cruel da empregadora representa não só o desprezo e a desumanização dos trabalhadores, mas também



uma prática que viola os direitos da criança e do adolescente, pois conforme a Lei 8.069/1990:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (Brasil, 1990, art. 2º).

Embora o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) disponha sobre os direitos inerentes à proteção integral da criança e do adolescente, nota-se que a vida de Negrita é marcada pela negação desses direitos, uma vez que ela além de ter que trabalhar para ajudar a família, ser explorada pela patroa, não ter acesso à educação, também é vulnerável à violência sexual. Ao destacar que o filho da empregadora quase a abusou sexualmente, percebe-se que a fala da menina é interrompida pelo pigarreio, que reforça o trauma, o medo e o silêncio em torno do assunto.

Assim como Negrita, a trajetória de Vela também é marcada pelo sofrimento, pela dor, pela negação de direitos e, sobretudo, pela violência de um pai alcoólatra. Segundo o relato da personagem, os pais, trabalhadores rurais, foram desapropriados de suas terras. Diante dessa situação, a família migra para a cidade em busca de melhores condições de vida; contudo, o rendimento obtido pelo pai e pela mãe revela-se insuficiente para suprir as necessidades básicas do lar. Em consequência, Vela e os três irmãos são obrigados a trabalhar para contribuir com o sustento familiar.

Além de ter de contribuir para a manutenção do lar, a menina e os três irmãos são expostos não apenas à violência do pai, que se torna alcoólatra e agressivo no convívio doméstico, mas também são obrigados a deixar a casa onde vivem, pois não suportam “[...] trabalhar, passar necessidade e ainda apanhar” (Santana, 1987, p. 13).

A presente cena é bastante comovente, pois aborda a realidade de muitas crianças que, desde cedo, são obrigadas a trabalhar para ajudar os pais no dia a dia, bem como são expostas a sobrecarga de responsabilidades que não correspondem a sua idade, comprometendo, dessa forma, não apenas o seu desenvolvimento físico, mas também o emocional e o psicológico.

Apesar de terem experiências diferentes, a vida de Negrita e Vela complementam-se, pois o diálogo não é propriamente de interação, mas de sobreposição de dores, como se cada uma reafirmasse, pela sua voz, a dimensão coletiva do sofrimento. Outro fato que nos chama a



atenção nessa peça teatral é a denuncia que Vela faz acerca da polícia. Vejamos:

Vela: É preciso aprender a se defender da polícia. Ela sempre acusa a gente de roubo ou prende a gente para roubar pra ela. (Vina e Bola Sete se abraçam com medo). Com ela o pau canta. Quem escapa vivo é herói (Santana, 1987, p.14).

A fala da personagem revela a inversão de papéis sociais em que a instituição que deveria garantir segurança e justiça torna-se uma ameaça constante às crianças que vivem em situação de rua. A violência policial retratada no texto de Heliton não apenas evidencia o abandono do Estado em relação às infâncias marginalizadas, mas também reforça a ideia de que a rua, já marcada pela fome e pela exclusão, transforma-se num espaço ainda mais hostil. O medo da polícia, expresso no abraço entre Vina e Bola Sete, simboliza a vulnerabilidade e a impotência diante de uma força que, em vez de proteger, oprime.

Além da denúncia de Vela, Negrita afirma que as meninas são obrigadas a manter relações sexuais com os agentes da lei para que possam ser libertadas, revelando a vulnerabilidade extrema a que estão expostas: “[...] eles obrigam a gente a fazer tudo que eles querem. E fica por isso mesmo. Tem deles que só soltam se a gente tiver uma coisinha com eles” (Santana, 1987, p.15). A fala da menina revela o silenciamento imposto pelo medo: caso denunciem os abusos, as crianças sabem que sofrerão ainda mais retaliações quando voltarem a ser presas, criando um ciclo de impunidade e perpetuação da violência.

Assim como as meninas, Vela também declara que os garotos sofrem abuso sexual praticado pela polícia: “[...] tem soldado e segurança que também gostam de fazer coisa com os meninos. Eles também só soltam a gente se, (Olha ao redor), se... Vocês sabem que vocês não são bestas. E se a gente denunciar, quando for preso de novo a coisa vai ser pior” (Santana, 1987, p.15). Tal prática constitui um crime de tamanha barbaridade, pois o sistema que deveria proteger essas crianças utiliza a posição de poder para explorá-las, revelando, dessa forma, várias ausências de direitos e de garantias mínimas para elas.

Ao trazer essa dupla violência policial, o texto de Heliton evidencia como a marginalização infantil não se limita à pobreza e à exclusão social, mas é aprofundada pelo tratamento violento e injusto de órgãos que deveriam oferecer proteção. Ao apresentar as autoridades policiais como ameaça constante, a obra *Abandonados* problematiza a naturalização da repressão aos pobres, destacando que a criminalização da infância em situação de rua é reflexo de um sistema desigual e excludente, que prefere punir em vez de garantir direitos.



A fim de resistir à violência lhes imposta, os personagens recorrem ao uso de drogas e armas como forma de enfrentamento de um cotidiano marcado pela privação. Essa realidade é atravessada pela negação de direitos fundamentais, como: habitação, saúde, educação, lazer e inserção no mercado de trabalho, revelando as contradições sociais que perpetuam a marginalização juvenil. Inclusive, a cena final do texto de Heliton Santana evidencia o desejo dos personagens de alcançarem uma vida digna, sustentada pelo acesso a esses direitos fundamentais, conforme se observa no ato seguinte:

Vina: Meu pai quer terra para trabalhar!

Bola Sete: Meu pai quer emprego e salário justo!

Negrita: A gente quer casa própria boa e barata!

Vela: A gente quer estudar!

Vina: A gente quer assistência à saúde!

Bola Sete: A gente quer divertimento!

Negrita: A gente quer roupa limpa!

Vela: A gente quer comida boa e barata!

Todos: Ajuda a gente a mudar essa situação, pô! (Cada uma delas dá um tiro e vão caindo...) (Santana, 1987, p.15).

A partir da cena acima, nota-se que direitos básicos, como: terra para trabalhar, emprego digno, moradia, saúde, educação, lazer, vestuário e alimentação são apresentados pelos personagens como desejos distantes. Isto porque esses anseios, que deveriam constituir garantias fundamentais asseguradas pelo Estado, surgem como reivindicações mínimas que permanecem insatisfeitas.

Em outras palavras, o simples direito à dignidade é tratado como utopia, pois no contexto vivido pelas crianças e adolescentes representados na obra, a realidade social, marcada pela exclusão, pela violência e pela ausência de políticas públicas, transforma aquilo que deveria ser cotidiano em um horizonte idealizado. Além disso, o gesto final de atirar e cair pode ser lido como uma metáfora da juventude que, sem alternativas, é empurrada para o crime ou para a morte precoce.

A peça termina ressaltando o contraste entre o universo da criminalidade e a canção *Coração Civil*, de Milton Nascimento. No plano dramático, a criminalidade é apresentada como desdobramento da exclusão social, expressa na negação de direitos básicos que convertem sonhos em utopia e naturalizam a violência como prática cotidiana. Em contraposição, a canção de Milton projeta um horizonte utópico de resistência, dignidade e transformação social, sustentado pela esperança e pela solidariedade. O contraste, portanto, não apenas evidencia a distância entre a realidade brutal da marginalização juvenil e a poética da



música, mas também denuncia a contradição estrutural de uma sociedade que, ao negar direitos, produz sujeitos à margem, ao mesmo tempo em que preserva a possibilidade de mudança pela arte.

Considerações finais

A partir da obra *Abandonados*, de Heliton Santana, é possível perceber que a infância é representada sob três perspectivas interligadas: a infância roubada, a exploração do trabalho infantil e a exclusão social das crianças que vivem à margem. Em meio à negação de direitos básicos, como: alimentação, saúde, moradia e lazer, os sujeitos ficcionais são conduzidos a adentrar no mundo da criminalidade como uma forma de sobrevivência em um contexto que lhes nega dignidade e pertencimento.

Nesse sentido, a fim de resistirem às opressões sofridas em seus cotidianos, os personagens utilizam não só a cola para amenizar a dor sofrida pela exclusão social, mas também fazem usos de armas para enfrentar a violência estrutural que atravessa suas existências. De maneira bastante comovente, o texto de Heliton Santana convida o leitor/ a plateia a refletir não apenas sobre o lugar das crianças que crescem em meio à desigualdade e à indiferença social, mas também sobre a naturalização da violência que as cerca e as define.

Além da negação de direitos básicos indispensáveis ao desenvolvimento pleno da infância e da adolescência, o autor evidencia ainda a brutalidade dos abusos (inclusive de natureza sexual) cometidos por figuras de autoridade, como policiais que, em vez de proteger, marginalizam ainda mais os sujeitos em situação de vulnerabilidade. Assim, a peça teatral se constitui não só como uma denúncia contundente das formas múltiplas e perversas da violência, mas também como um ato de resistência simbólica, que busca romper o ciclo de silenciamento e invisibilidade imposto a essas infâncias marginalizadas.

Enfim, ao retratar as camadas esquecidas da sociedade, especialmente as infâncias periféricas, o autor insere-se em uma tradição literária comprometida com a transformação e com a denúncia das desigualdades estruturais. A sua peça teatral, ao tensionar o limite entre arte e política, cumpre um papel essencial na formação de uma consciência coletiva mais sensível e crítica, que reconhece na palavra e na representação artística um caminho para resistir às múltiplas formas de exclusão.

Referências:

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do



Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acessado em: 28 de setembro de 2025.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CALEGARI, Lizandro Carlos; CASARIN, Jéssica. Literatura brasileira e violência: uma análise do romance *A revolta dos feios*, de Luana Morena. In.: *Revista de Letras Norte@mentes*. Dossiê “Literatura, Gênero e Raça”, Sinop, v. 16, n. 43, p. 206-220, jun. 2023. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/norteamentos/article/view/10813>. Acessado em: 29 de setembro de 2025.

KEHL, Maria Rita. Tortura e sintoma social. In: *O que resta da ditadura: a execução brasileira*. TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir (Org.). São Paulo: Boitempo, 2010.

NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando. *Coração civil*. In: NASCIMENTO, Milton. *Caçador de mim*. Rio de Janeiro: Ariola, 1981. Letra de música. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/milton-nascimento/47420/>. Acessado em: 20 de setembro de 2025.

PELLEGRINI, Tânia. No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje. In.: *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 24. Brasília, julho-dezembro de 2004, pp. 15-34. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9003>. Acessado em: 29 de setembro de 2025.

SANTANA, Antônio Heliton de. *Abandonados*. Peça do TELL (Teatro Luta e Liberdade) Datiloscrito inédito. [1987].

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Cenas do Crime: violência e realismo no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

